Consolidada e em condições de competir vantajosamente no mercado mundial, a indústria naval brasileira constrói navios de grande porte e alta sofisticação.

Indústria Naval Brasileira mantém posição de liderança

A indústria naval brasileira, de acordo com dados relativos ao mês de junho e segundo informações divulgadas pelo Lloy'd Register of Shipping, mantém a sua posição de segunda do mundo, ultrapassada apenas pelo Japão, que vem assegurando incontestável liderança no setor, com 12 milhões de toneladas em carteira, equivalente a 36,6% das 32,50 milhõesc de toneladas de pedidos, contra 2,2 milhões de toneladas de registro bruto, volume em carteira registrada no Brasil. O país que desponta em terceiro lugar é a Coréia do Sul, com 2,1 milhões de toneladas e aumento de 670 mil toneladas em relação ao 1,50 milhão que registrara em março deste ano. Segue-se a Espanha, com 1,9 milhão.

Os resultados do primeiro semestre de 1980 assinalaram, também que o Japão completou 3.038 navios, contra 2.292 do ano passado; O Brasil atingiu 256, com redução de 83 em relação a igual período de 79; a Inglaterra chegou a 249, a Alemanha foi a 240; e os Estados Unidos entraram com 178.

Concorrência e lucratividade

Existe ainda a evidência de que a construção naval em todo o mundo, se forem considerados os resultados dos exames dos pedidos em carteira do primeiro trimestre de 1970, apresenta uma produção inferior à de outros períodos.

Verifica-se, igualmente, que o peso da concorrência dos países emergentes aumentou consideravelmente em face dos fabricantes mais tradicionais. O mercado, além de diminuir, tem, agora, que acomodar as nações do terceiro mundo. O Japão, em 1970, já detinha a liderança, mas era seguido pela Suécia, que, garantindo 9% do mercado, hoje só tem 2,8% do total. O terceiro, a Grã-Bretanha, que tinha 4,05 milhões e 7,8%, caiu para 700 mil toneladas, ou 2,3%, levando-a ao 12º lugar entre os maiores construtores de navios. O quarto país, em 1970, era a França, com 4,9 milhões de toneladas e 7,6%, passando, em dez anos, a 980 mil toneladas, e 3,2%. Redução substancial também ocorreu em relação à Alemanha Federal, que passou de 4,30 milhões e 6,7% para 900 mil toneladas e 2,9%.

Países como a Noruega, Dinamarca, Itália e Holanda, que durante muitos anos figuraram entre os principais construtores, saíram da lista dos 12 maiores, sendo substituídos pelo Brasil, Coréia do Sul, Formosa e Polônia.

A Shippin Statistics and Economics adverte, porém, que, embora os países do terceiro mundo tenham conquistado posições rapidamente entre os maiores construtores, isso não significa que eles estejam ganhando dinheiro. Considera duvidoso que, no mercado de hoje, algum construtor de navios comerciais, em qualquer lugar do mundo, esteja obtendo lucros apreciáveis observando, ainda, que os estaleiros só se mantêm abertos graças à diversificação que lhes permite outras atividades.